



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## UM PRESSUPOSTO PARA A COMUNICAÇÃO: O PROCESSO CIVILIZADOR <sup>1</sup>

Antônio Henriques Gonçalves Cunha

Prof. Adjunto – Unioeste, Pr

Campus Foz do Iguaçu

**RESUMO:** Na entrada de tempos novos, a área dos fenômenos comunicativos surge como um terreno que, por sua importância, merece a atenção de todos nós. Contudo, isto não está sendo reconhecido porque a fragmentada mentalidade filosófica e ou científica de intelectuais isola-se em cada uma das conhecidas disciplinas, e esta fragmentação hipertrofia os saberes estanques, compartimentados, mas não consegue favorecer a proeminência de outros, como a comunicação e mais que ela – a expressão. Vencido o isolacionismo disciplinar, deve-se acreditar que será possível a massificação de um potencial cognitivo e educacional necessário para se viver na sociedade contemporânea, após o que a diferenciação entre educação instrutiva e educação formativa contribuirá para o desenvolvimento do processo civilizador.

**Palavras-chaves:** formação – processo civilizador – conhecimento

A Comunicação acabou se tornando nos últimos cem anos a área mais relevante da civilização planetária. Embora ela tenha padrões éticos e morais visíveis, quando ela é vista como situada no universo da investigação, tudo se torna fenômeno e o método científico analisa suas atividades apenas como parte do processo civilizatório. Mas há algo mais importante que está sendo obliterado por causa desse restritivo método científico. Ao denunciarmos o pancientificismo, estamos acionando o processo civilizador latente no processo civilizatório.[01] Para continuar o processo civilizador, há que propor instituições que substituam algumas das existentes e há uma especial que precisa uma reforma profunda: a universidade e seus hábitos seletivos. Com as possibilidades comunicativas de que dispomos hoje e uma nova instituição educacional, a transformação do mundo poderia ser mais interessante, efetiva e generalizada,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



trocando-se com vantagem uma revolução extraordinária por uma ordinária, factível, duradoura e continuamente.

O mundo do conhecimento se renova constantemente, pois filósofos e cientistas insistem sempre em fazer alterações teórico-práticas, com novas propostas, mas dentro do modo habitual da tradição filosófica e ou científica (tradição intelectualista): idéias inovadoras restritas ao mundo dito *mundo do pensamento* sem chegar à realidade cotidiana, embora muitas vezes pensem nela. Para chegar à realidade desde o pensamento teríamos dois caminhos: o técnico e o político. Todavia, nem todo conhecimento consegue se transformar em técnica e, em geral, entregam o caminho que vai do pensamento à realidade para os políticos ou gente que os valha. De nossa parte, insistimos na busca de uma alteração completa: teórica, prática e institucional, uma vez que tudo aqui começa no próprio curso do Mundo e nas suas situações de vida ou existência.

Qualquer mudança no Mundo só será total e completa quando começarmos a modificar nossa compreensão em torno da idéia de universidade. A Universidade, como a conhecemos desde seu surgimento até os dias que correm, é, por excelência, a instituição do paradigma cognitivo, no qual se procura o conhecimento verdadeiro, único, unificado, a fim de que não haja espaço para o dissenso além do que é permitido dentro das suas regras. A Universidade, não apenas no seu sugestivo nome, tem por detrás de si uma espécie de culto do universal, da universalidade, do **uni-verso**, de um suposto lado único. Na Idade Média isto se patenteava na procura da verdade (ciência) universal; na Idade Pós-Média, a ciência (verdade) unificada.

A passagem incólume da Universidade pelos últimos novecentos anos mostra que, a despeito de todas as divergências entre filósofos e cientistas, algo restou inatacável ou de fora do anseio de mudança. Embora ultimamente se fale muito em crise, mas uma crise vista apenas por prismas sócio-econômicos, administrativos, sócio-culturais, quando, de fato, a crise é teórico-prático-institucional. A crise da Universidade reciprocamente reflete a crise da Sociedade, e, então, em ambas, depois de cada vez mais difícil impulso revolucionário pela violência, o qual será sempre uma ameaça intolerável às opiniões, resta a reforma significativa de modelos teóricos, práticos e institucionais que podem ser trocados por outros potencialmente melhores.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Muitos foram os pensadores que legaram interessantes propostas teórico-práticas desde o nascimento da Universidade no século XII – dentro ou fora dos seus muros - de São Tomás de Aquino a M. Heidegger, N. Hartmann, M. Scheler, passando por I. Kant, G.W.F. Hegel, A. Comte e tantos outros, no entanto nenhum deles julgou pertinente fazer o institucional de acordo com o teórico-prático. Primeiro, talvez, porque suas inovações teórico-práticas não chegassem a este ponto; segundo, talvez, porque vissem o institucional apenas como um problema sócio-administrativo.

Hoje, a falta de mobilidade institucional acarreta a paralisia teórico-prática, e esta antecipa-nos a visão da agonia hominiana que só não progredirá se houver uma chance de exposição teórico-prática construtiva. Numa sociedade estabilizada perderam-se as razões do revolver das camadas teóricas e práticas. A crise da sociedade cresce nesta falta de possibilidades e perspectivas institucionais. Teme-se mexer com as instituições como se se avistasse uma casa de marimbondos..., mas aqui como lá algumas precauções efetivam sua violação.

Desde quando se verifica que o saber, o conhecimento, não está, por definição, ligado à consciência intelectual, a qual formalizou e manteve a Universidade como local privilegiado do seu exercício, fica evidente que não pode mais ser tolerada a ausência de uma instituição que comunique, que preserve, o saber ou o conhecimento em sua raiz antropocultural.

A Universidade cultuou a consciência intelectual e expulsou a não-intelectual. A conscientização do intelectual tornou incompreensível a intelectualidade antropocultural. Esta intelectualidade espontânea nunca pôde penetrar na Universidade; viveu nela apenas o intelecto auto-perscrutador.

A nova instituição, que cultuará o completo saber dos homínidas e não apenas do intelectual, revelará o Mundo e não apenas a Consciência, sendo que esta, em querendo ser transparente, ofuscava, na medida em que colocava como ponto de partida a verdade e não a percepção, o saber verdadeiro e não o saber emitido ou veiculado ou proposto.

O velho prefixo **uni-** não será, todavia, um prefixo ultrapassado pelo prefixo **pluri-** que se impõe naturalmente numa proposta teórico-prática que coloca como ponto de partida a variedade fundamental do saber. Não há aqui a postulação de um



relativismo a toda prova ou preconizado à luz do universalismo científico, como naquele documento que o *Collège de France* remeteu ao presidente francês Mitterrand, a seu pedido, contendo “propostas para o ensino do futuro”. Num trecho afirmava o relatório: “A unidade das ciências e o pluralismo das culturas. Um ensino harmonioso deve poder conciliar o universalismo inerente ao pensamento científico e o relativismo que ensinam as ciências humanas atentas à pluralidade dos modos de vida, das sabedorias, das sensibilidades culturais.” [02]

Este trecho evidencia uma percepção conflituosa que só pode existir em quem privilegia o científico contra o cultural, a despeito do fato de que as ciências humanas reconheceram a pluralidade (se não fossem as *ciências* humanas que tivessem feito isto?).

O problema não é de conciliação. E nestes termos não haveria conciliação definitiva, pois o universalismo da ciência mais cedo ou mais tarde tentará deter o relativismo cultural. A questão foge da dicotomia, uma vez que a ciência não passa de uma parte da cultura, que o residual obscurantismo do pancientificismo quis desconhecer. Todos que se envolvem no problema institucional acabam fazendo as propostas privilegiando conciliações disto com aquilo, quando os problemas não são apenas uma questão de fazer providenciais salvações conciliatórias. Não temos nada contra a conciliação, desde que ela não seja uma renúncia para usar inteligência e criatividade na solução de problemas. No Brasil, já pudemos encontrar pelo menos duas destas propostas conciliatórias com aparência de solução – mas solução precária.

Um professor da Bahia, E. M. Boaventura, chegou a empregar o termo - multiversidade [03] para designar um modelo universitário que ele consideraria ideal, mas que não passa de um sinônimo da expressão *universidade polivalente*, que sintetiza a proposta de N. Sucupira. Num trecho da sua principal obra, N. Sucupira pergunta: “Como se objetiva institucionalmente essa universidade polivalente? Como se conciliam institucionalmente os objetivos técnicos e pragmáticos e o sentido puramente acadêmico, o ensino de massa e a pesquisa científica e a alta cultura?” [04]

No geral, a maioria dos que pensam neste problema acredita que o problema seja somente burocrático-educacional. Se a crise da universidade é mundial, é porque ela está no bojo de uma crise que não é apenas de administração sócio-político-econômica.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Lembramos que nossa tese é a de que há uma crise intelectual que gera as demais crises. Portanto, o fim das crises virá do combate à tradição da universalidade, que tem na universidade um posto avançado de legitimação e perpetuação, combate a ser feito através de uma abrangente revisão teórico-prática e institucional.

Já deixamos entrever que entre os muitos problemas enfrentados pela cultura civilizadora nos últimos duzentos anos, o mais grave deles saiu da mentalidade pancientificista, que quer defender a sinonimização restrita, completa e integral de ciência, verdade e conhecimento.

Até fins do século XVIII havia a filosofia e as ciências sem quaisquer extrapolações. A evolução ocorrera sem desvios. Mal se inicia o século XIX, começa o pancientificismo e se inicia a defenestração imprudente e desastrosa de filosofia.

A cultura civilizadora só pode seguir seu curso se houver um equilíbrio entre todos os domínios culturais. O desequilíbrio proporcionado pelo pancientificismo afastou a especulação, como se ela fosse um obstáculo. Pelo contrário, o movimento anti-especulatório é muito mais um entrave que seu antípoda.

Pensar em torno da universidade obriga a tratar da nossa medievalesca educação. O uso do termo medievalesco não tem nada de pejorativo em relação à Idade Média. O que queremos dizer com seu uso ainda está preso à Idade Média. É que não chegamos ao autêntico estágio pós-medieval, quanto mais ao pós-pós-medieval que esta obra pesquisa, reflete e procura.

Hoje nós vemos os organismos internacionais e até empresários afirmando que sem educação não há desenvolvimento pleno. Ocorre que, nestes momentos, se pensa mais na tradicional educação instrutiva. Devemos pensar que ela bastaria no começo do século. A partir de agora o mais importante será a educação formativa, que vá se encarregar do aperfeiçoamento cultural das pessoas. Pouco adianta ser um *expert* sem ter cultura. Aqui alguns dirão que todo cidadão já está aculturado. De fato, existe a cultura social, e ela diz respeito ao conhecimento necessário para viver o cotidiano em qualquer sociedade. Só que numa sociedade complexa como a nossa, o estágio da cultura social não pode ser visto como o estágio máximo tal como em sociedades mais simples. Ao lado da cultura social desenvolvemos uma cultura civilizadora. Ocorre que poucos percebem esses dados primários, óbvios, e, então, procura-se o progresso, o



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

desenvolvimento social, na cultura social deixando-se para trás a cultura civilizadora. Assim, nossa aculturação permanece no nível social, e, aí, conseguimos formar eficientemente tanto bandidos quanto monges, tanto garotas de programas quanto assistentes sociais, tanto sonegadores quanto auditores.

Cotidianamente, encontramos pessoas que dizem ou apenas pensam que só querem saber o suficiente para ficarem ricas e que a cultura não serve para isto! Mostram desconhecer que só uma pessoa culta pode se tornar rica. Todos os milionários como os pobrezinhos foram e são pessoas cultas. Ser culto é conhecer bem o sistema em que se vive e atuar com êxito dentro dele. Somos todos cultos: conhecemos e dominamos nossa cultura ocidental, capitalista, brasileira, sulista, paranaense, nosso viver local. Porém, somos absolutamente **incultos** na medida em que não sabemos o que seja a cultura civilizadora que se encontra subjacente a toda nossa existência. A cultura social serve principalmente na hora de agir, mas na hora de perceber e de pensar era a cultura civilizadora que nos deveria guiar.

Pensando assim, é que estamos propondo um sistema educacional unipluriversitário, no qual a Universidade atenda à cultura social, enquanto a Pluriversidade atende à cultura civilizadora. Mas não é só isto que justifica este sistema. Não se pode ignorar que, embora a intelectualidade seja eminentemente diversificada, variada, a Sociedade representa uma delimitação, uma canalização da vocação plural. Os homínidas possuem essências fisiológicas e sociais absolutas como também existências espirituais e culturais relativas.

Suas instituições precisam, pois, refletir este eterno movimento pendular entre o absoluto e o relativo para não cair em um ou em outro. Devemos chegar a um modelo universitário-pluriversitário ou, simplesmente, pluri-universitário ou unipluriversitário; **a Universidade funcionaria aí como parte encarregada de atender as demandas de instrução e de profissionalização, suprimento técnico e tecnológico da Sociedade, enquanto a Pluriversidade se constituiria no centro irradiador e receptor dos saberes setoriais ou ontagnósicos. Lá a Sociedade preserva seus meios; aqui, seus princípios e fins.**



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A Universidade se organizaria de acordo com as necessidades das comunidades em que se insere. Seria muito mais que o conjunto de escolas superiores a serviço dos vários ramos do saber técnico-profissional.

Já a Pluriversidade se calcará na setorialidade do Mundo, entendendo-se setor do mundo como domínio antropocultural específico. Assim, enquanto a Universidade atua de acordo com a variedade de demandas da comunidade em que se insere, a Pluriversidade atuará uniformemente no seu anelo de preservar as diversas e constantes posturas dos homínidas em todos os domínios antropoculturais.

A educação precisa ser instrutiva e formativa para a pessoa e a sociedade; instrutiva para trabalhar o consagrado saber mais técnico que intelectual, o novo saber e as habilidades profissionais; já a educação formativa serviria para trabalhar a compreensão do Mundo. A Universidade comandaria a instrução e a Pluriversidade, a formação. Nesta, as pessoas teriam um acesso livre ao conhecimento dos domínios através dos quais percebem o Mundo e agem sobre ele em suas relações especificadas na fisignosis (relação do ser humano com a Natureza), mistignosis (relação com o Sobrenatural), polignosis (relação entre si), estesignosis (relação entre as formas e os conteúdos) e cognosis (relação dos sujeitos com os objetos).

Assim, o sistema educacional precisa ser institucionalmente calcado num eixo unipluriversitário. O sistema unipluriversitário combina a tradição com a inovação. Isto já se vê no novo uso ampliado do termo universidade. Aqui ele não é usado no sentido do ensino superior como vem sendo entendido. A Universidade é a parte do sistema educacional encarregada de instruir, que consistiria em ensinar uma base de conhecimentos, auxiliar no desenvolvimento das vocações e contribuir para a profissionalização. Por seu turno, a Pluriversidade serve para formar o cidadão e o ser humano, na medida em que mostrará às pessoas como ocorrem os contatos elementares entre as pessoas e entre as pessoas e as criações naturais e artificiais.

O sistema educacional unipluriversitário foi pensado para que todo o cidadão desde os seus primeiros anos de estudos até o adquirir de uma profissão deva estar já freqüentando regularmente a Universidade e, ocasionalmente, a Pluriversidade.

Uma das características do sistema educacional unipluriversitário proposto é a consagração da idéia de que educação não é apenas instrução como também formação.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Esta formação estará inscrita na própria configuração da nova instituição pluriversitária. Com isto estamos querendo afirmar que não se trataria de uma simples reforma de currículo, sobretudo no ensino superior exclusivamente, a fim de que possamos implementar preocupações de uma educação formativa. Julgamos que o sistema educacional deve ter oportunidades para todos os tipos de vocações, embora não seja desprezível a idéia de que precisamos criar uma faixa para a formação da pessoa culta, como mostrou, em certa oportunidade, o Pe. Theodore Marin Hesburgh e o professor universitário Allan Bloom, os quais fizeram uma ampla análise da educação média e superior nos Estados Unidos, a qual serve para que pensemos em torno das relações entre educação, cultura, crises e valores.

Allan Bloom, que é professor de cultura antiga, está convencido de que a educação liberal (um estágio equivalente à graduação) ou a instrução sólida em humanidades é a “única possibilidade” que tem um jovem estadunidense “de se tornar um ser civilizado”. [05]

Pode não ser o caso de A. Bloom, mas nos parece óbvio de que o “ser civilizado” não depende apenas ou na maioria das vezes da educação instrutiva.

“O que um jovem deve aprender para que o julguem cultivado” e “qual é a natureza do potencial humano cujo desenvolvimento nos cabe”?

Eis duas das questões que A. Bloom nos coloca. Em torno delas, nosso posicionamento é o de que para a endoculturação civilizadora, o indivíduo, a pessoa só pode aparecer como prioridade de ataque, depois que se tiver atacado as instituições, revendo o problema da sua adequação física, material e espiritual. Por exemplo, em educação, chegamos a um limite, em que ser conservador é uma pretensão trágica, uma vez que ela se encontra absolutamente desconectada de nossa época.

Todo o potencial que queremos desenvolver, bem como o aprendizado que demonstra cultivo devem estar presentes nas instituições educacionais e culturais e devem estar à disposição para usufruto fácil dos cidadãos. A. Bloom não está de todo alheio a esta forma de ver, uma vez que após constatar que as carreiras em geral não têm “grande coisa a ver com as ciências humanas”, e de que uma formação que não seja puramente profissional ou técnica representa um inconveniente, conclui que “seria





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

necessário na universidade um clima de compensação, para que o aluno adquira gosto pelos prazeres intelectuais e aprenda que eles são duradouros.” [06]

Estamos de acordo com A. Bloom, quando ele coloca que “sem discernir as questões importantes que afetam a espécie humana não haverá jamais 'educação liberal' e todas as tentativas para difundi-la não passarão de gestos inúteis.” [07]

Apesar dessas pistas, deveremos ter sempre com clareza este juízo inspirado de A. Bloom: “Em resumo, não há qualquer noção, nem sequer noções antagônicas, do que seja um ser humano cultivado.” [08]

Temos consciência de que este trabalho antagoniza, reaviva a questão, ameaça à paz, reanima a árvore do conhecimento, livra-se do desânimo e se não faz uma opção racional, procura-a, não renuncia à cultura geral, nem despreza as especialidades, embora queira a revisão da onipotência especialista.

Allan Bloom nos recupera a questão do poder de controle através de uma “concepção unificada da natureza e do homem, concepção que os mais altos espíritos debateram ao mais alto nível. Começou a declinar quando não se encontraram para apoiá-la, senão especialidades, cujas premissas não desembocam em visão geral alguma. A inteligência mais elevada é a parcial, que não se resume.” [09]

Uma concepção tão precisa que é difícil cortar o que quer que seja.

Precisamos saber trabalhar em torno de visões gerais, a fim de evitar o risco desse “sinal dos tempos”, porque as universidades que são competentes para realizar grandes pesquisas e produzir grandes obras “são impotentes para elaborar um modesto programa de educação geral para os estudantes do primeiro ciclo universitário. Eis um sinal dos tempos.” [10] Os que conhecem o democratismo dos conselhos sobre conselhos sabem a origem desta impotência.

O Pe. Theodore Hesburgh fez uma defesa do humanismo, sobretudo aquele ligado ao pensamento cristão e católico, a partir do qual ele propõe o revigoramento da tradição humanística e da educação liberal nos Estados Unidos, o lugar em que estas concepções foram ao mesmo tempo mais preservadas e mais atacadas. O Pe. T. Hesburgh publicou um livro, **O imperativo humanitário**, publicado pela Editora Universidade de Brasília, e escreveu um artigo "O futuro da educação liberal", entre outras publicações, nas quais se dedica a abordar seus temas prediletos. No referido



artigo, ele faz a constatação da mudança dos hábitos universitários estadunidenses com o desprestígio das humanidades. E prossegue mostrando o valor da liberdade e da educação liberal, levantando suas quatro virtudes: a) “pensar claramente, logicamente, profundamente e amplamente sobre uma diversidade de importantes questões humanas”; b) “elegância e propriedade de linguagem”; c) “conceituação de valores, ou a capacidade de avaliar”; d) “'aprender a situar-se' ”. Nos parágrafos seguintes, T. Hesburgh traz uma argumentação sobre o declínio da reflexão em torno da humanidade que coincide em muito com alguns princípios defendidos neste trabalho, sobretudo os relativos à rejeição do oncientificismo ou pancientificismo, e sugere a “necessidade de reavaliar o conceito de educação superior” com as disciplinas que ficam em posição favorável para desenvolver os sentimentos e a mentalidade do velho humanismo, destacando, assim, a importância que a educação liberal pode assumir nesta proposta ditada “pela exigência mais urgente de nossos tempos: a de se redescobrir o homem e o significado da visão humana”, [11] enquanto nós pensamos em tornar o saber e o conhecimento um outro dos prazeres da humanidade, e aqui ainda o verbo é descobrir este prazer de conhecer.

Faz muito tempo que usamos o termo *humanidades* para designar um tipo de saber que fala do ser humano. Até por isto, ele vem sendo empregado como sinônimo de ciências humanas quando se quer evitar o tratamento deste assunto - homem - com o viés cientificista. Pretendendo dar um sentido com outra definição a este termo, o pensador brasileiro Sérgio Paulo Rouanet, dez anos atrás, divulgou um ensaio intitulado "Reinventando as humanidades", no qual, tendo em mente a última Assembléia Constituinte, ele abordava o desprestígio das humanidades, antes, durante e depois do regime político-militar ditatorial brasileiro. Afirma o ensaísta que a modernização do país era desejada após a Segunda Guerra Mundial, sobretudo na área da educação, a fim de que esta deixasse de ter um caráter tão beletrista para assumir uma feição bem mais técnico-científica. A modernização chegou trazida pela ditadura político-militar e uma certa tecnocracia ocupa várias instâncias sociais. Aos poucos, constata-se, contudo, que estas mudanças vêm favorecer um significativo “analfabetismo cultural” com todas as conseqüências e preocupações que nos incomodam.



Com a redemocratização, o autor vê chances de que as humanidades voltem ao panorama da educação brasileira, mas de tal forma que não se repitam as situações existentes numa sociedade diferente da atual.

A ascensão de uma tecnocracia despreparada culturalmente não seria um fenômeno apenas brasileiro. Seria fundamental não esquecer as bases mundiais do problema, uma vez que não é só uma ditadura querendo legitimar-se que irá afastar as humanidades. O mesmo problema, como vimos, foi detectado nos Estados Unidos, entre outros, pelo professor Allan Bloom e pelo padre reitor Theodore Hesburgh. Numa comparação, a diferença de perspectivas se encontra no fato de que a estabilidade política estadunidense e a educação liberal como um estágio entre o ensino médio e a escolha definitiva de uma carreira fazem parte natural da situação deles, enquanto no Brasil, evidentemente, o problema das humanidades cai em outra moldura.

Embora se possa classificar os textos desses ensaístas como dotados de brilhantes diagnósticos, não perfilamos integralmente ao lado deles no que tange às ações concretas para vencer os problemas em pauta. Nossa grande divergência, pelo menos no momento, com relação a uma iniciativa como a educação liberal nos Estados Unidos é a de que ela só acontece após o fim do ensino médio.

No caso de S. P. Rouanet, em seu estudo ele propõe chamar de humanidades as disciplinas que “contribuam para a formação (Bildung) do homem, independentemente de qualquer finalidade utilitária imediata, isto é, que não tenham necessariamente como objetivo transmitir um saber científico ou uma competência prática, mas estruturar uma personalidade segundo uma certa *paidea*, vale dizer um ideal civilizador e uma normatividade inscrita na tradição, ou simplesmente proporcionar um prazer lúdico.”

[12]

O autor não tinha como objetivo explicitar até as últimas conseqüências o conceito desse ideal civilizador. Ao longo do texto, ele sequer indicará onde, como e quando aquilo que ele chamou - humanidades - ou o conjunto de disciplinas que formam o complexo do saber idiomático, artístico (o literário incluído aí), filosófico e histórico, entrariam na formação. S. P. Rouanet quer somente acumular argumentos e fatos que nos convençam de que tem relevância a preocupação com a ausência da cultura devido à falta que as humanidades fazem à integralidade do cidadão.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A propósito, nossa intenção é mostrar que o “ideal civilizador” não deve pertencer somente às humanidades, mas ser o núcleo gerador da educação em geral, a ponto de se tornar educação civilizacional, cultura civilizadora, a fim de superar a exclusiva educação instrutiva vigente. A *paidea* contemporânea exigiria educação instrutiva e formativa, para ser adequada e completa.

Portanto, não há porque pensar num saber, em qualquer saber, sem “finalidade utilitária imediata”. Todo saber tem uma finalidade imediata. As humanidades possuem uma qualidade que irá impregnar todo o complexo educacional como uma necessidade imprescindível, a partir do momento que a universidade se desvincule de alguns graves preconceitos motivados por erros e equívocos, cujas raízes crescem asfixiando aspirações da humanidade.

Precisaremos, pois, criar uma consciência, uma atmosfera em que a formação do cidadão não sugira que ele seja um elemento descartável da sociedade. Para tanto, é que nos impomos a tarefa de reavaliar alguns daqueles motivos teóricos, práticos e institucionais, já que temos uma série de evidências, a partir de uma observação em cima do percurso da humanidade nesse século, as quais indicam que o mundo como um todo experimenta uma situação sócio-cultural absolutamente inusitada, a par de um esgotamento das idéias, teorias e ideologias dominantes, como forças reais ou potenciais, geradas até a Segunda Guerra Mundial.

O cenário montado desde estas constatações indica, com naturalidade, a manutenção de várias crises. Para superá-las, óbvio, a grande maioria dos agentes envolvidos nas atividades nucleares dessas crises aferram-se, teimosamente, aos caminhos conhecidos pretendendo manterem-se alheios ao fato de que novas soluções precisam ser propostas para os novos problemas. Claro que todas estas novidades são relativas: há o aparentemente novo, há o novo com o velho, há o pleno novo. E estes assuntos que trabalhamos misturam toda a classe de aspectos temporais, por isso não podemos dissecar de modo imediato a complexidade de toda aquela situação que nos perturba, daí porque iremos continuar a pesquisá-la, pensá-la e descrevê-la.

Para enfrentar a quantidade de crises, que pululam aqui e ali, nos ameaçando, julgamos como sendo necessária, mais do que uma nova proposta teórico-prática, uma análise de alguns rumos seguidos nos últimos três séculos em cima de dois temas de



grande importância: a organização e o desempenho educacional e a falta de um ideal comum a ser partilhado pela humanidade acima das diferenças sócio-culturais. Evidentemente, embora sejam dois temas distintos, eles se inter-relacionam na medida em que o burocrático, o petrificado sistema de educação disponível não permite a elaboração de atividades e atitudes necessárias para enfrentarmos nossas crises com a devida colaboração de todo o potencial humano, sobretudo, de inteligência, imaginação e emoções.

Desde muito cedo, a humanidade verificou a existência de graves diferenças sócio-culturais. Elas foram motivos para os inúmeros conflitos que ainda enfrentamos. Para a solução deles houve simplesmente vitórias que paralisam momentaneamente os vencidos, mas há ainda, por outro lado, uma série de conflitos vivos e outros mais que se anunciam.

A chamada **razão** teve pouca chance neste quadro. Isto, sobretudo, porque seus cultivadores mais diretos equivocaram-se em não poucas oportunidades e, às vezes, gravemente, como no caso do pancientificismo ou a onipotência de uma mentalidade científica que vazou de sua estreita configuração geradora sem o necessário freio para evitar as muitas inadequações que favoreceu. Há que se reconhecer, porém, que a razão foi sempre, desde sua consolidação como uma das principais faculdades humanas, a maior e melhor força propulsora daqueles ideais comuns experimentados pela humanidade. E se já podemos falar em um patrimônio civilizador, não ficará dúvida que ele começa com a razão e se interrompe nela à medida em que a mesma fica paralisada ao não poder vencer os seus e outros impasses.

Podemos afirmar que a construção mundial do patrimônio civilizador parou no grande desenvolvimento técnico-científico que atingimos. E parece que a razão não consegue passar disso. Para conseguir ir além temos que analisar seu trajeto e fazer correções nos seus rumos.

Desde C. Montesquieu, para não ir muito fundo na história, a razão vem permitindo aos grupos humanos compreender, fixar e cultivar suas diferenças sócio-culturais. A criação das ciências humanas e sociais quase que se fez apenas para colecionar argumentos que afirmassem a naturalidade, os mecanismos e o respeito àquelas diferenças. No entanto, se elas em parte obtiveram êxitos ao assumir uma



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

atitude de neutralidade entre os diversos padrões sócio-culturais, aí mesmo encontraram uma satisfação que não se justifica mais.

Alguns fatores contribuíram para que os cientistas humanos se afastassem de tarefas, cuja realização compete quase que exclusivamente à razão. Mas se isto pode ser lamentado, podemos vê-lo como uma sabedoria do destino, na certeza de que a faculdade da razão encontra-se fora e mesmo acima da mentalidade científica e seus êxitos tecnológicos, e devemos aproveitar o fato de que a razão não se vincule exclusivamente à ciência, à filosofia, à política, à religião ou a qualquer outra significativa atividade humana.

Nosso sistema de ensino, na situação em que hoje se encontra, não consegue nem mesmo entender a necessidade de desenvolvermos uma educação que vá além da instrução profissional especializada, técnica ou liberal. Para piorar nenhum governo tem o que fazer, e nem pode fazer, porque qualquer iniciativa sofre todo tipo de restrições nesse verdadeiro vício inconstitucional que se tornou a crítica dos cidadãos numa sociedade aberta, e os políticos parecem que só podem ser eleitos se não se propuserem a nada, porque a impressão que se tem é que aquele que propõe sofre restrições em todas direções e isto inviabiliza o resto. Veja-se, por exemplo, o barulho que fazem os que se movimentam pela universalidade do ensino público gratuito julgando que este problema da ameaça de que não possa ser universalmente gratuito seja o grande e decisivo problema que enfrentamos. Observem bem o quadro e vejam o quanto tem nisso de aparências! Nossos maiores problemas não são propriamente os da gratuidade, mas os de fazer com que nós, os pobres, os miseráveis, os explorados, apreciemos o estudo, a cultura, a reflexão, o cultivo da elaboração de raciocínios, em situações que nunca, absolutamente nunca, serão as ideais para fazê-lo. Desde que G. W. F. Hegel colocou o problema da alienação, ele nunca mais foi visto com objetividade, porque os que o fizeram já eram um pouco alienados em relação aos valores perpétuos do Gênero humano.

O drama da pobreza não é propriamente a alienação em relação aos objetivos econômicos da burguesia, mas em relação aos objetivos intelectuais que devem ser os de todo ser humano em suas faculdades mentais aceitáveis ou normalizadas, sejam pobres, médios ou ricos.



Retornando ao assunto dos parágrafos anteriores ao último: que área do saber, hoje, pode se responsabilizar para concretizar uma *paidea* civilizadora, já que carecemos de um ideal comum a ser partilhado acima das diferenças sócio-culturais? Elas, durante séculos, têm contribuído para separar, isolar os seres humanos, e nem mesmo o advento do patrimônio técnico-científico conseguiu fornecer a todos a convicção de que este bem comum deveria fazer dividir uma existência que, a despeito das várias tradições que nos geraram, só nos resta a possibilidade de um destino unificado até o momento em que daqui talvez mil anos não haja fronteiras dentro do Planeta.

A construção mundial do patrimônio civilizador ficou paralisada nas suas possibilidades materiais, sem experimentar metade das possibilidades espirituais, porque ocorreu um equívoco gigantesco como consequência da compreensão científico-social que tentava ver as diferenças sócio-culturais como naturais, por um lado, mas que, por outro lado, não havia como trabalhá-las adequadamente, porque a mentalidade pancientificista, onicientificista, sempre valorizou a neutralidade do cientista ou o engajamento radical. Como as ciências sociais e humanas sempre pretenderam incorporar o método científico tirado em cima das ciências naturais, matemáticas e tecnológicas, elas ou aderiram inocentemente, puerilmente, tacanhamente, a esta metodologia específica, ou, quando quebraram a neutralidade, o fizeram para serem lacaias de uma visão totalitária qualquer, seja à esquerda, seja à direita, deixando de lado o projeto muito mais abrangente e sedutor da pluridemocracia uniliberál. E quando o tal cientista sócio-humano não tem tendências democrático-liberais, nem amenamente totalitárias (como a esquerda brasileira), nem radicalmente totalitárias (como o poder na China de hoje), ele, muitas vezes, se entrega ao terror, ao rigor do pancientificismo falso que se abriga, comodamente, nessas burocracias acadêmicas onde os burocratas que anotam notas falam mais alto que aquele que busca saídas inusitadas e fecundas para as questões educacionais.

O que podemos esperar da Filosofia? Há muito ela deixou de ser uma mentalidade para se transformar numa disciplina, numa carreira, numa ciência...

Ela perdeu sua potência para tratar da Civilização quando deixou-se ameaçar e dominar por esta falsidade suprema do onicientificismo, que nos coloca estereis frente





ao ser humano, porque, diante dele, a metodologia científica fica tão sem jeito como nós dançando com patins no gelo e só faz o pesquisador pensar em verbas e salários, castrando-o de qualquer força ou ocupação que não seja elaborar projetos e projetos de pesquisas inócuas, inofensivas, inconseqüentes, para amortecer o pensamento, para acalmá-lo, para deixá-lo dormir sobre as ruínas que estão aparecendo antes mesmo de qualquer desabamento concreto e visível. As ruínas, dessa vez, poderão não ser bombas notórias em cogumelos poéticos. Pensamos que elas virão mais como ectoplasmas que chegam sem serem notados e agarram a vítima surpresa, desprovida de chances de reação. As ruínas estão chegando aos nossos quintais mais como serpentes do que como cachorros.

#### Notas

01. Propomos conceitos refeitos de civilização, antropocultura, processos civilizatório e civilizador no livro **Superação dos impasses filosóficos e científicos no rumo civilizatório**, o qual pode ser solicitado pelo e-mail [pluridata@uol.com.br](mailto:pluridata@uol.com.br) ou pode ser acessado em um dos vínculos no portal <http://sites.uol.com.br/apuac/>

02. FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 156 p., p. 115.

03. BOAVENTURA, Edivaldo. **Universidade e multiversidade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986. 108 p., p. 41.

04. *Apud* BOAVENTURA, Edivaldo, *idem, ibidem*; título do trabalho de N. Sucupira: "A condição atual da universidade e a reforma brasileira".

05. BLOOM, Allan. **O declínio da cultura ocidental**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1989. 397 p., p. 36.

06. \_\_\_\_ . \_\_\_\_ . p. 339.

07. \_\_\_\_ . \_\_\_\_ . p. 346.

08. \_\_\_\_ . \_\_\_\_ . p. 337.

09. \_\_\_\_ . \_\_\_\_ . p. 349

10. \_\_\_\_ . \_\_\_\_ . p. 341

11. HESBURGH CSC, Pe. Theodore Martin. O futuro da educação liberal. **Humanidades**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 42-48. out./dez. 1982.

12. ROUANET, Sérgio Paulo. Reinventando as humanidades. *In* **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 349 p., p. 304-330, p. 309.